



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de comemoração dos 70 anos do Sindicato dos Químicos**

Santo André-SP, 03 de outubro de 2008

Numa próxima solenidade, uma figura experiente como você, Paulo Betti, quando chegar na frente, precisava colocar as luzes refletindo daqui para lá, para a gente ver o povo, porque estão todas as luzes para cá e temo que eu vá embora sem ver a cara das pessoas que estão aqui na frente. Só sei que ali tem umas câmeras... Aí não há uma interação entre o presidente e o povo, e o povo e o presidente.

Quero cumprimentar o nosso companheiro Arlindo Chinaglia, que antes de ser deputado era médico, depois de médico virou presidente do Sindicato dos Médicos do estado de São Paulo e, depois, presidente da CUT estadual.

Quero cumprimentar o nosso companheiro Eduardo Suplicy, que não tem nada a ver com o dono da fábrica que foi fechada, a Matarazzo. Ele é bisneto, portanto ele não tinha nem... quando a fábrica foi feita, não é da responsabilidade dele, portanto.

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Vicentinho. Não estou te vendo, Vicentinho. Aí, agora estou vendo.

Quero cumprimentar minha querida companheira Marisa,

Meu querido companheiro João Avamileno, prefeito de Santo André,

Meu querido companheiro Paulo Lage, presidente do Sindicato dos Químicos do ABC, e sua esposa, Daniela Lage,

Quero cumprimentar... Não vou falar bem dela, porque o Artur já puxou tanto o saco da Ivete que não vou falar e repetir os elogios. Quero cumprimentar a nossa querida companheira Ivete,

Quero cumprimentar o nosso querido companheiro Artur, presidente nacional da Central Única dos Trabalhadores,



Quero cumprimentar o senhor Edílson de Paula, presidente da CUT de São Paulo,

Quero cumprimentar o José Toneloto, presidente da Associação dos Químicos Aposentados do ABC,

Quero cumprimentar os ex-companheiros presidentes de Sindicato. Primeiro, o nosso companheiro José Trajano, que é o nosso decano, aqui, na presidência do Sindicato dos Químicos. Ele presidiu o Sindicato de 1956 a 1962. Certamente uma grande parte da categoria não tinha sequer nascido, Trajano, quando você já presidia esta categoria.

Quero cumprimentar o companheiro Alcir Nogueira – esses já são todos da minha geração – que presidiu o Sindicato de 1976 a 1979,

Quero cumprimentar o companheiro Floriano, que também não está aqui, mas presidiu o Sindicato de 1979 a 1982, Vicente Floriano da Silveira,

O nosso companheiro Agenor Narciso, que presidiu o Sindicato de 1982 a 1991, ou seja, três mandatos. Também não está aqui, porque parece que é candidato a vereador em alguma cidade do interior de São Paulo,

Quero cumprimentar o nosso companheiro Remígio – esse, sim, está aqui. O Remígio, que foi presidente de 1991 a 1994. Em 1996, ele passou a presidência para o Sérgio Novais, para assumir o cargo de tesoureiro da CUT Nacional, onde permaneceu até 2003, quando assumiu o cargo de secretário de Políticas Públicas de Emprego no Ministério do Trabalho, já no meu governo.

Quero cumprimentar o Sérgio Novais, que ficou de 1997 a 2003,

E cumprimentar o nosso querido Paulinho, que está de 2003 a 2009. Em 2009, Oxalá ele consiga produzir muitas outras lideranças para que possamos, em pouco tempo, ter nova liderança presidindo este Sindicato.

Bem, companheiros e companheiras,

Meus amigos,



Toda vez que venho falar, quando a Marisa está presente, fico preocupado porque a dona Marisa (inaudível) o tempo, e fico aqui preocupado em não ter ninguém puxando o meu paletó. Mas penso que a comemoração de 70 anos de uma entidade de classe com a representação de um Sindicato que tem a história brasileira, como tem a categoria química, merece uma reflexão sobre o passado, o presente e o futuro.

Primeiro, na história de um país, 70 anos não quer dizer absolutamente nada. Na história de um sindicato, 70 anos também não quer dizer muita coisa porque uma entidade sindical pode viver por milhares de anos, pode se aperfeiçoar ou pode acabar, se a categoria não mais existir, mas existirão outros sindicatos.

Na nossa vida pessoal é que é um desastre, porque nós temos um tempo mais curto. A gente vai vendo as fotografias, vai vendo 69, 72, oitenta e não sei quanto, e vai percebendo que o cabelo vai ficando branco, a barba vai ficando branca, a gente vai ficando... Começam a chamar a gente de terceira idade, começam a dar passagem de graça para a gente viajar interestadual. Tudo isso parece benefício, mas é o reconhecimento de que estamos virando a reta final da nossa passagem pelo planeta e o importante é que a gente tenha plantado uma boa semente, que dê uma boa árvore e continue dando bons frutos.

Eu comecei falando do Brasil porque o nosso país já teve tantos momentos excepcionais. Eu depois de ler o livro Barão de Mauá, Paulo Betti, tive o prazer de assistir ao filme Barão de Mauá e saber que, no tempo de Império, este país já poderia ter se transformado em um país altamente industrializado se não fosse a mesquinha política que fez com que um dos grandes mentores empresariais deste país fosse praticamente a falência para ressurgir algumas décadas depois.

O Brasil jogou fora naquele momento uma oportunidade histórica por brigas menores. Depois, o Brasil teve um outro momento: tem a história de um



empresário brasileiro chamado Delmiro Gouveia, lá do estado de Alagoas. Este cidadão, a cinqüenta anos atrás, tinha uma fábrica têxtil com três mil trabalhadores lá no sertão de Alagoas. Como ele estava criando problemas para os ingleses, que na época eram os que queriam exportar para o Brasil, não só o mataram, ele que tinha pouco mais de 50 anos de idade, como pegaram todas as máquinas dessa grande fábrica que gerava três mil empregos e jogaram todas no rio São Francisco. Primeiro mataram, depois compraram a fábrica, depois desmontaram a fábrica. Só tendo em mente quantas oportunidades o Brasil perdeu de ter chance de se desenvolver e, por coisas políticas, a gente percebe que o Brasil desandou, andou um pouco pra trás.

Eu contei estes fatos para entrar nos dias de hoje. Houve um período, que não está muito longe, em que aqui neste país as palavras da moda, as palavras que a gente via todo santo dia no noticiário, nas manchetes de jornal, de televisão e de rádio, eram as palavras choque de gestão, modernidade e iniciativa privada: eram solução para tudo, porque o mercado iria resolver os problemas e o Estado não servia para nada. Havia até quem dissesse que o Estado atrapalhava.

Como Deus escreve certo por linhas tortas, o tempo se encarrega de mostrar pra gente que nem tudo é bonito e nem tudo é feio. Entre o feio e o bonito você tem o meio termo. Você tem, por exemplo, o caso da Marisa: entre o bonito e o feio, ela me escolheu como o caminho do meio, o meio termo, nem tão bonito nem tão feio, um sapatinho usável. Pois bem, na política a coisa é assim ou até um pouco pior.

O companheiro Paulo citou aqui a quantidade de empregos que tem na categoria, citou, em pouco tempo, a quantidade de empregos que a categoria perdeu e citou, em apenas cinco anos, o que a categoria reconquistou, não apenas de trabalhadores, mas também de associados do sindicato.



Se olharmos o Brasil, vamos perceber que nestes últimos cinco anos, só de emprego com carteira profissional assinada, foram 10 milhões de empregos criados no nosso país, contra oito milhões de desempregos há dez anos. As pessoas podem dizer: “é sorte, é pura sorte. Este Lula tem tanta sorte que entrou no governo a situação estava boa, a economia estava boa”. As pessoas se esquecem de que quando nós entramos tivemos que fazer o maior choque que a história desse país conheceu, que foi o ano de 2003. Nós cortamos na veia.

Eu faço questão de dizer que troquei o meu capital político da época, de um presidente recém-eleito, para poder recuperar a economia brasileira. Tenho consciência de quantos de vocês que perderam a esperança no meu governo no primeiro ano. Tenho consciência disso, porque se tem uma coisa que aprendi na vida foi ouvir, por isso que tenho a orelha meio caída, de ouvir. Eu também falo bastante, mas ouço bastante.

Foi graças a este sacrifício que fizemos que tomamos decisões que estão resultando nas coisas que estão acontecendo agora no nosso país. Fico pensando em quantos presidentes da República gostariam de viver o momento que estou vivendo. A construção civil, que passou 20 anos decrescendo, está crescendo há três anos consecutivos, a indústria metalúrgica, que o coitado do Marinho, Vicentinho, Meneguelli e eu só íamos à porta da fábrica para chorar pela quantidade de trabalhadores que era mandada embora, já no nosso período readmitiu, contratou quase 30 mil trabalhadores só na nossa região. Com o setor petroquímico aconteceu o que o Paulo disse, o comércio, todos vocês estão percebendo que está crescendo, até os jornais estão contratando mais gente. Quanto mais gente trabalha, mais poder aquisitivo, mais jornais estão acontecendo. Tem jornal agora até de 50 centavos. Esses jornais estão crescendo de forma extraordinária pelo Brasil afora. As pessoas estão tendo acesso.



O que está acontecendo é o que nunca deveria ter parado de acontecer no nosso país. Estamos percebendo, companheiro Arlindo, você que é presidente da Câmara, Suplicy, que é senador, e companheiros dirigentes sindicais, que estamos vivendo um momento em que tem uma crise americana que as pessoas estão acompanhando. Esta crise talvez seja a única crise que eu não tenha que dizer que é uma crise internacional porque todo dia a imprensa abre manchete dizendo da crise internacional, do *subprime* nos Estados Unidos, dos bancos de crédito, dos bancos de investimento nos Estados Unidos.

Hoje foi aprovado na Câmara dos Estados Unidos o empréstimo, ou seja, de um buraco de 850 milhões de dólares, equivalente a um trilhão e 700 bilhões de reais. O nosso Proer foi quanto? Vinte e quatro bilhões de reais. Quando tivemos problemas nos bancos aqui no Brasil, para vocês terem dimensão da diferença, o Proer custou aos cofres públicos, na época, 24 bilhões de reais. Para os americanos, sem saber o tamanho da crise ainda, já são 850 bilhões de dólares, o que dá um trilhão e 700 bilhões de reais. Imagina o tamanho da crise americana.

Mas eu queria que as pessoas continuassem dizendo que tenho sorte, porque este país, quando teve a crise asiática, quando teve a crise na Rússia, e quando teve a crise no México, que eram um pingo d'água dentro do Oceano Atlântico comparadas com a crise americana, o nosso país quebrou duas vezes. Duas vezes este país quebrou. Hoje estamos com uma crise que envolve essa magnitude de recursos dos Estados Unidos e até agora estamos tendo um problema (inaudível), não nosso, mas um problema internacional, que é a disponibilidade de crédito para financiar as exportações brasileiras ou para financiar qualquer que seja o projeto que precisa de dinheiro emprestado em dólar.

Então, os banqueiros que passaram os últimos 20 anos dando palpite na economia mundial – cansei de viajar pelo mundo, graças a minha experiência



de ter perdido três eleições é que viajei pelo mundo – cansei de encontrar yuppies de 23 anos, de 24 anos, que não sabiam onde era o Brasil e a Bolívia, que não sabiam se a capital do Brasil era Hong Kong ou Buenos Aires, dando palpite sobre a economia brasileira, como é que a gente tinha que fazer, o que a gente tinha que citar, medindo o risco do nosso país.

Essa gente toda, que deu palpite, não tomava conta do seu nariz e quebraram todos agora. É como o cidadão que fica olhando para o filho do vizinho: “ah, o filho do vizinho sai tarde e não volta para casa” e deixa de olhar o seu. Quando ele acorda e fica esperto, percebe que o filho dele está fazendo coisa pior que o filho do vizinho que ele tanto olhou. Se cada um olhasse para os seus problemas e deixasse de mexericar os problemas dos outros, o mundo certamente seria muito mais feliz.

E por que o Brasil está tranqüilo hoje? É porque nos momentos em que alguns queriam que nós gastássemos muito, no momento em que alguns davam palpite, dizendo que a gente deveria gastar muito, nós juntamos 207 bilhões de dólares. Hoje, não só não devemos ao FMI como temos mais dinheiro do que a dívida externa brasileira. Isso é que nos dá solidez para não ter medo da crise americana.

Uma coisa é a nossa preocupação pelo simbolismo do que representa a economia americana no mundo. Tendo uma recessão nos Estados Unidos, obviamente que terá recessão em vários outros países. Mas tem um fenômeno hoje que não é levado em conta, que é o fenômeno dos países chamados emergentes, ou dos Brics, todos países com uma quantidade enorme de dinheiro, o tal do “fundo soberano”: é a China, com quase 1 trilhão e 800 bilhões de dólares; é a Rússia, com 600 bilhões de dólares; é a Arábia Saudita, com 800 bilhões de dólares; é o Brasil, com 207 bilhões de dólares; é outro, com 300 bilhões de dólares. Já não estamos mais tão dependentes como a gente estava há 20 anos.

A balança comercial do Brasil não é uma balança comercial em que o



Brasil depende dos Estados Unidos. Os Estados Unidos são um bom parceiro, o Brasil, hoje, tem uma relação comercial de 40 bilhões de dólares com os Estados Unidos. Representava quase 30% há 12 anos, hoje representa apenas 15%. Mas em compensação, com a Argentina, que a gente tinha uma relação comercial de apenas 9 bilhões, em 2003, hoje vai chegar a 35 bilhões de dólares. Com a China, que a gente tinha pouquinha coisa, vai chegar a 35 bilhões de dólares. Com a África, que a gente não tinha nada, vai ultrapassar os 17 bilhões de dólares.

E assim, o que fizemos? Diversificamos a nossa pauta comercial, não ficamos dependendo só da Europa ou dos Estados Unidos, vamos procurar mais parceiros. É como um camelô, um mascate desses que vocês conhecem pela rua. Se ele todo dia for à mesma casa bater palmas, corre o risco de vender um produto uma vez e passar o ano sem vender mais, porque a pessoa não pode comprar todo dia uma roupa nova. Mas se ele procurar, além de uma pessoa, a rua inteira, corre o risco de montar uma boa carteira de exportação.

É isso, companheiro Arlindo, que nos dá tranquilidade com relação à crise americana. Estamos tranquilos, obviamente olhando isso como se estivéssemos com aquela lente que fica olhando se tem estrelas no céu, acompanhando aquilo, para a gente reagir aos movimentos que forem necessários fazer, sem fazer pacote econômico.

Vou repetir: no meu governo não terá pacote econômico, no meu governo terão medidas que serão pensadas e discutidas. Mas ninguém será pego de surpresa com pacote econômico, porque todos os que foram feitos ao longo da história não deram certo. Prefiro, nessa altura do campeonato, não inventar, ficar olhando com lupa e reagir, para que a gente vá tomando as medidas e não cause prejuízo à economia brasileira.

Por conta disso, meu companheiro Paulo Lage, meu companheiro Artur – falando agora para os sindicalistas – é importante vocês terem em mente o que vai acontecer neste país até 2010, até 2012, e até um pouco mais para a



frente.

Este país fez a sua última refinaria em 1980. A sua última refinaria, feita pela Petrobras, foi em 1980. Nós, agora, estamos fazendo quatro novas: uma em Pernambuco, no ano que vem começaremos uma no Maranhão, uma no Ceará e uma no Rio Grande do Norte, são mais quatro refinarias. E vocês, químicos, sabem que por detrás de cada refinaria vem um pólo petroquímico, portanto, a categoria vai crescer muito mais, nacionalmente.

Este país ficou 22 anos sem construir um alto-forno. Sem construir alto-forno você não produz aço. No começo do ano que vem começarão a acontecer cinco novas siderúrgicas no País. Inclusive os meus amigos da Vale do Rio Doce sabem perfeitamente bem que não é possível só tirar minério e levar para a China, é preciso fazer produção de material acabado aqui, com alto valor agregado. Por isso vamos ter que fazer quatro siderúrgicas aqui para que a gente possa gerar riqueza para este país.

Vou dar um exemplo para vocês: uma tonelada de bauxita – a bauxita é o minério que produz o alumínio – exportada *in natura*, custa 30 dólares; se você transforma a bauxita em alumina, que é o primeiro processo de transformação, você já sai de 30 dólares para 500 dólares a tonelada; se você transforma de alumina para alumínio, você passa para 3 mil dólares a tonelada. Então, qual é a vantagem que levamos em exportar só minério e não exportar o produto de valor terminado aqui no Brasil?

Além disso, meu caro Artur, fazia dezoito anos que não se construía neste país uma fábrica de cimento. É importante vocês se atentarem para ver o atrofamento que a economia brasileira ficou nos últimos 22 anos. Hoje estão sendo construídas dez cimenteiras grandes e 15 cimenteiras pequenas. Portanto, nós vamos resolver um problema crônico do Brasil, porque na hora que começa a crescer a construção civil, falta cimento, o povo vai pagar mais caro e vai começar a surgir o chamado mercado paralelo.



Não é apenas isso. Nós acabamos de aprovar agora uma medida para financiar... São R\$ 25 bilhões para financiar 60 mil tratores para a agricultura familiar e 300 mil máquinas agrícolas. Se o mundo está com fome, se está tendo inflação de alimentos, nós não vamos ficar chorando não, vamos aumentar a produção neste país para não faltar alimentos na mesa do trabalhador. Porque quanto mais come, mais força ele tem e mais vai trabalhar para a gente apagar de vez a imagem do Jeca Tatu, que nós mais velhos conhecemos tão bem nesse país.

Estou dizendo essas coisas para lembrar vocês de que é preciso ter em mente que todo santo dia... É inacreditável, Paulo, é inacreditável. Tem horas, Paulo Betti, que eu fico... Eu lembro do filme Barão de Mauá, não sei se eu lembro, faz tempo que eu vi – não que faça muito tempo que você fez o filme, você é muito jovem. Eu já vi há algum tempo o filme, tem um primeiro-ministro ou tem um político Barão não sei das quantas, que começa a despertar na cabeça do Imperador a ciúmeira do Barão de Mauá. Ele começa a dizer para o Imperador: “tome cuidado, que o Barão de Mauá é mais importante do que você”, “tome cuidado, que ele quer fazer uma siderúrgica, quer fazer uma tecelagem, quer criar o Banco do Brasil, ele é mais importante do que você”. Até que o Imperador se convenceu de que ele era importante e resolveu prejudicá-lo.

Eu fico vendo determinadas coisas hoje, por incrível que pareça, companheiros, tem gente... Outro dia escreveram assim, “agora, agora eu quero ver se o governo é bom ou se ele tinha fonte, porque agora é que tem uma crise, eu quero ver se o Lula vai dar conta da crise, porque até agora foi fácil.”

Foi fácil porque nós transformamos em fácil. Quando eu cheguei, a inflação estava em 17%, a gente não tinha nem um dólar para garantir as nossas importações e ainda tínhamos 30 bilhões que a gente devia para o FMI. Nós chamamos o FMI, devolvemos os 30 bilhões deles – não precisamos de



palpite aqui, de palpiteiros chega nós aqui, brasileiros. Palpiteiro e técnico de futebol.

Para convocar jogador para seleção brasileira, para receitar remédio para dor de cabeça e para sarar a economia, não precisamos de palpiteiros. Todos nós aqui somos um pouco economista, técnico de futebol e médico. É verdade. Você chega a um bar e fala “é rapaz, estou com dor de cabeça”, “toma tal remédio”. “Olha, minha mulher está com uma dor aqui na perna”, “toma tal remédio”: nós todos somos médicos. Se a gente andasse com bula, Arlindo, com receituário, era só dar remédio para todo mundo.

Estes palpiteiros ficam torcendo para as coisas não darem certo. Eu, terça-feira, vou inaugurar uma coisa que vai ser a fotografia mais bonita que vou ver. Vou inaugurar, Arlindo, a plataforma da Petrobras que nós evitamos que fosse construída no exterior. Vamos inaugurar, jogar ela para o mar, para que comece a fazer prospecção de petróleo. E essa plataforma já estava sendo articulada para ser contratada no exterior, acho que em Singapura. Quando tomei posse, eu falei: “vamos fazê-la aqui”. Aí, começa: “Ah, não, o Brasil não tem engenharia, isso é demagogia. O Brasil não pode fazer”.

Pois bem, a resposta do meu silêncio vai ser dada agora. Vamos colocar uma plataforma, que era para gerar emprego em Singapura, para gerar renda em Singapura, vamos colocá-la no mar agora, feita por brasileiros, homens e mulheres que, por conta disso, desenvolveram tecnologia, engenharia e renda. E, agora, vamos colocá-la no mar e colocar outra no lugar, porque aquilo que a gente não sabia fazer, 75% já é de componente nacional.

Acho, Artur, que você deveria ir, terça-feira de manhã, lá em Angra dos Reis, quando vamos colocar a P-51, se não me falha a memória. E no lugar dela vai entrar outra P, porque também quando a gente tira uma tem que colocar outra para poder manter o nível de emprego.

Meus companheiros,

Isso não seria possível se a gente não tivesse os trabalhadores



organizados. Isso não seria possível se a gente não tivesse os trabalhadores dizendo para a gente o que é importante fazer. Tem hora, Artur, que você acha que fico nervoso quando vocês me fazem uma reivindicação. Podem ter certeza que não fico nervoso. Às vezes, acho incômodo, porque o cara me pede 10, eu dou 9,5, e o meio que falta é o que ele conta no discurso, não fala dos 9,5 que eu atendi.

Mas aprendi na vida. Eu nasci na política assim. Lembro que em 1968, não faz muito tempo, Trajano, nós elegemos o primeiro vereador aqui, na região do ABC. O primeiro vereador em 68, há 40 anos, era uma glória. Trabalhador, para subir no palanque naquela época, só se ele fosse do Partido Comunista, que era um partido que tinha a base operária na região. O restante, eu, por acaso, era só batedor de palmas, meu nome nem era citado. Também ninguém me conhecia, não era obrigado a citar.

De lá para cá... Olhem o prefeito de Santo André, metalúrgico. Olhem que beleza! Olhem o Vicentinho, dirigente sindical. Olhem o Arlindo, dirigente sindical. Olhem o presidente da República, dirigente sindical. Olhem dezenas de ministros, todos dirigentes sindicais, dezenas de deputados e vereadores que vamos eleger... Vocês estão percebendo que estou com uma bronquite desgraçada, que vou cuidar quando chegar em casa.

Então, vocês percebem o avanço. Se há 40 anos a gente tinha um vereador, hoje temos dezenas de prefeitos por este país afora, temos centenas ou milhares de vereadores, centenas de deputados estaduais, deputados federais, vamos ter governadores, vamos ter presidente da República, se Deus quiser, por muito tempo, gente ligada à classe trabalhadora brasileira.

Por isso, Paulo, eu não poderia deixar de vir ao seu Sindicato, quando comemora 70 anos. Venho aqui com a sensação de que um dia fui metalúrgico, no outro dia virei presidente do Sindicato dos Metalúrgicos. Mas, na medida em que vocês foram me apoiando, o meu nome foi crescendo e virei presidente da República.



Hoje, com o mesmo orgulho que tenho de dizer que sou metalúrgico, eu digo que sou químico, que sou gráfico, que sou da construção civil, que sou jornalista, jornaleiro, eu digo que sou todas as profissões, porque o simbolismo da minha chegada à Presidência da República é maior do que a minha própria chegada. É dizer: aqueles que eram pensados apenas para morar no andar de baixo, conseguiram chegar à cobertura.

Por isso, meus parabéns pelos 70 anos e espero estar vivo para comemorar os 100 anos do Sindicato dos Químicos aqui, do nosso ABC.

(\$211A)